



SÉRIE *DESCOBRINDO A PALAVRA*

Religião ou Cristo

Qual é a diferença?



SUMÁRIO

O perigo de ser religioso	2
Qual é a verdadeira diferença?	4
Como era a religião no tempo de Cristo?	5
Por que Cristo foi uma ameaça para a religião?	8
Quais foram os erros dos fariseus?	10
Lições de um religioso convertido	25
Os perigos da aplicação.....	27
Razões importantes para manter a nossa atenção em Cristo.....	28
Estudo de contrastes	29
Prova da nossa religião	31
Glossário.....	32

RELIGIÃO OU CRISTO: Qual é a diferença?

Será que existe uma diferença que vale a pena ser enfatizada? Ou se trata apenas de uma questão de terminologia? Será que devemos sentir-nos animados por vermos que numa pesquisa de opinião pública, 85 por cento dos entrevistados se consideram religiosos? Não deveríamos fazer um estudo mais aprofundado ao observarmos que religiosos conservadores da época de Jesus o odiavam?

Este livreto foi escrito com a convicção de que existe uma diferença fundamental entre Cristo e a religião e que um estudo sobre os fariseus da época de Cristo pode nos dar uma visão não somente sobre esta diferença, mas também sobre nós mesmos.

Martin R. De Haan II

O PERIGO DE SER RELIGIOSO

Desde o início, a religião foi perigosa. Muito antes que a seita liderada pelo japonês Aum Shinrikyo se utilizasse do gás como arma mortífera, as pessoas fanáticas matam e morrem em nome de Deus. Muito antes do massacre em Waco, nos EUA em 1963 e do suicídio coletivo em Jonestown, na Guiana, o fanatismo religioso criou um campo de batalha no qual alguns foram salvos e outros se perderam.

O perigo de ser religioso pode ser visto desde o tempo dos nossos primeiros pais. O erro fatal de Adão e Eva ocorreu ao tentarem assemelhar-se a Deus. O erro deles não consistiu em parar de crer em Deus, mas no fato de começarem a crer de uma forma que havia sido proibida.

O primeiro filho de Adão e Eva também tentou confiar

em Deus à sua própria maneira. O Senhor rejeitou o sacrifício sem sangue de Caim, mas honrou o cordeiro sacrificado pelo seu irmão mais novo. Cheio de ira, Caim invejou de tal maneira seu irmão Abel, que o matou e arruinou a sua própria vida neste processo.

***Os nossos
piores erros sempre
são os religiosos.***

O povo de Israel também sofreu por tentar servir e adorar Deus à sua maneira. No princípio da peregrinação à Terra Prometida, alguns judeus aceitaram o convite de mulheres da região para irem a um evento pagão. Em questão de horas, milhares de judeus morreram (Números 25).

Saul, o primeiro rei de Israel, não foi diferente. Ele perdeu o seu reinado por cometer erros religiosos.

Quando o sacerdote Samuel não apareceu no prazo determinado para oferecer um sacrifício antes da batalha com os filisteus, Saul pensou que era necessário que ele mesmo oferecesse um sacrifício. Ele estava errado (1 Samuel 13:8-14; veja também o capítulo 15).

Davi também teve problemas, por ser religioso. Após sua confirmação como rei de Israel, ele ordenou a devolução da sagrada arca que continha os Dez Mandamentos de Deus. Com entusiasmo, liderou o povo de Israel na procissão para trazer o tabernáculo santo para Jerusalém. Entretanto, quando os bois que carregavam a arca da aliança, tropeçaram e quando um sacerdote chamado Uzá estendeu a mão para segurar a arca para evitar que ela caísse, Deus o atingiu mortalmente. Davi reagiu com medo e ira. Como ele poderia viver com um Deus como este? Somente depois de reler a lei de Deus, Davi

compreendeu que havia feito a coisa certa, mas de forma errada (1 Crônicas 13; 15:12-15).

Por que é tão importante para Deus o que nós cremos e como o servimos e o adoramos? Porque Ele está procurando pessoas que o adorem em espírito e em verdade (João 4:23-24), e não de uma forma ritual e ignorante.

***Aqueles que
confiam em Deus, à
sua própria maneira,
correm perigo.***

Deus quer ser adorado por um coração que corresponda à verdade com relação ao Seu amor e graça.

Parece complexo, mas na verdade não o é. Tudo o que Deus realmente quer é que venhamos a conhecer e amar Seu Filho, o que resultará numa boa religião (Tiago 1:26-27).

QUAL É A VERDADEIRA DIFERENÇA?

A religião e Cristo não se excluem mutuamente, mas ambos são muito distintos. Tiago, um escritor do Novo Testamento e um irmão de Cristo, escreveu:

A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo (Tiago 1:27).

A religião pode ser muito boa, mas não pode substituir Cristo.

A religião é algo para crer e praticar:

- Frequentar cultos religiosos
- Matricular as crianças em escolas religiosas
- Demonstrar atos de bondade
- Evitar a imoralidade
- Crer em Deus

- Ter uma filiação religiosa
- Ser batizado
- Participar da Santa Ceia
- Estudar a doutrina
- Ler as Escrituras Sagradas
- Orar
- Celebrar eventos religiosos
- Ensinar classes religiosas
- Ajudar aos pobres
- Cantar em grupo
- Ser reconhecido como uma pessoa piedosa

Cristo é alguém que podemos conhecer e nele confiar:

- Alguém que está próximo
- Alguém que tem autoridade para nos ajudar
- Alguém que pode nos perdoar
- Alguém que pode nos declarar justos
- Alguém que pode nos escolher para servir a Deus

- Alguém que pode trazer Deus até nós
- Alguém que pode nos levar a Deus
- Alguém que pode incluir-nos como Seu herdeiro
- Alguém que pode nos guiar e ensinar
- Alguém que pode ser o nosso exemplo
- Alguém que nunca nos deixa sozinho
- Alguém em quem podemos confiar
- Alguém que pode nos defender
- Alguém que pode interceder por nós
- Alguém que pode nos capacitar
- Alguém que corresponde às nossas emoções
- Alguém que pode sentir a nossa dor
- Alguém que pode nos dar alegria
- Alguém que pode nos dar paz
- Alguém que pode nos dar esperança

- Alguém que pode nos dar amor
- Alguém que provou o Seu amor para conosco
- Alguém que morreu por nós
- Alguém que ressuscitou dos mortos por nós
- Alguém que pode viver Sua vida através de nós
- Alguém que pode nos conduzir até o lar celestial
- Alguém que pode nos garantir o céu

COMO ERA A RELIGIÃO NO TEMPO DE CRISTO?

Jesus conhecia os perigos da religião. Ele foi odiado por algumas pessoas — as mais religiosas, de Jerusalém. Enquanto os pecadores e os excluídos da sociedade se sentiam atraídos a Jesus, os religiosos dos Seus dias — os fariseus, os escribas, os saduceus e

os sacerdotes — eram, com poucas exceções, os Seus inimigos mais ferrenhos.

Fariseus — um grupo religioso judeu que tentava manter Israel livre da contaminação dos gentios. Seguiam rigorosamente as Escrituras e tradições orais que aplicavam a Lei de Deus, aos detalhes da vida diária.

Escribas — conhecedores da lei bíblica (também chamados advogados) dentre os fariseus. Os fariseus dependiam dos escribas para a correta interpretação das Escrituras.

Saduceus — um grupo religioso judeu, de alta classe, que rejeitava as tradições orais dos fariseus, e eles insistiam na rígida interpretação e fidelidade à lei de Moisés.

Sacerdotes — descendentes de Arão que herdaram as responsabilidades sobre as práticas rituais do Templo em Jerusalém. Eles frequentemente associavam-se com os saduceus.

Jesus não lisonjeava estes líderes religiosos. Ele não dava lugar à ideia de que eles eram homens piedosos que somente tinham cometido um erro a Seu respeito. Ele disse, que se eles conhecessem a Seu Pai, eles também o teriam conhecido. Jesus chamou-os de hipócritas e líderes cegos que guiavam a outros cegos.

Este talvez não seja o desenrolar da história que muitos de nós teríamos esperado. Talvez esperássemos que os inimigos de Jesus fossem encontrados entre os ateus, os filósofos seculares e entre os elementos criminosos da sociedade. Mas este não foi o caso. As pessoas da rua sentiam-se atraídas a Jesus. Entre os Seus amigos, encontravam-se pecadores. Pilatos, o governador pagão romano da Judéia, estava disposto a dar a Jesus mais consideração e o benefício da dúvida. Os religiosos saduceus e fariseus de Jerusalém,

entretanto, sempre tentavam desacreditar Jesus. Não lhe tinham qualquer apreço e estavam convencidos que o mundo seria um lugar melhor sem Ele.

Uma observação mais detalhada sobre os fariseus.

Eles não eram totalmente maus. Respeitados como alguns dos judeus mais piedosos e espirituais, eles eram:

- **Teístas**, devido às suas crenças no Deus de Israel, enfatizavam uma vida centrada em Deus.
- **Separatistas**, determinados a proteger Israel do perigo de se perder e ser absorvido pelo mundo gentil.
- **Biblicistas**, acreditavam que o futuro de Israel dependia deles; se honrassem e praticassem ou não, a Lei de Deus.
- **Populistas**, muitos eram artesãos e comerciantes, e por isso se identificavam com os homens comuns.

- **Pragmatistas**, lutavam não só com o que dizia a Lei, mas com a sua aplicação aos detalhes mais insignificantes da vida.

- **Tradicionalistas**, decoravam, repetiam e arraigavam-se obstinados em seguir as tradições de seus antepassados espirituais.

Os fariseus, porém, cometeram alguns erros na sua tentativa para que a lei de Deus fosse relevante e prática para Israel. Ao esforçarem-se para demonstrar a Palavra de Deus em eventos cotidianos, essas demonstrações tornaram-se um fim em si mesmo. Logo se perderam nos detalhes e de acordo com Jesus estavam “ensinando doutrinas que são preceitos de homens” (Mateus 15:9). Ao centrarem-se em detalhes perderam a mensagem.

POR QUE CRISTO FOI UMA AMEAÇA PARA A RELIGIÃO?

Os religiosos viam Jesus como um perigo. Ele causava uma comoção que ameaçava desestabilizar o delicado equilíbrio político e religioso do poder em Israel. Cristo tinha uma reputação de fazer coisas inexplicáveis. Ensinava com ar de autoridade e desviava a atenção dos aspectos externos da religião às atitudes do coração. Ensinou que Deus não estava buscando pessoas que praticam bem a sua religião, mas procurava:

- *Os humildes de espírito*, que reconhecem a sua dependência de Deus em todas as áreas de suas vidas.
- *Os que choram*, lamentando a natureza

e os resultados do pecado em si mesmos ou em outras pessoas.

- *Os mansos*, os quais estão dispostos a viver sob a autoridade de Deus.
- *Os que têm fome e sede de justiça*, aceitando a justiça que vem de Deus.
- *Os misericordiosos*, que dão assistência aos outros ao enfrentarem a miséria.
- *Os limpos de coração*, que estão purificados no seu interior.
- *Os pacificadores*, que se esforçam para reconciliar as pessoas com Deus e uns com os outros (Mateus 5:1-9).

Cristo aceitava melhor os corações quebrantados do que a religião cheia de orgulho. Ele foi uma

ameaça porque todo aquele que o aceitasse, nunca mais necessitaria da religião dos fariseus. Enquanto os fariseus eram bons em obedecer aos detalhes para cumprir a Lei, Jesus ensinou

que Deus perdoaria o pior dos pecadores. Anos mais tarde, como apóstolo de Cristo e antigo fariseu, Paulo ensinou que as leis religiosas nunca salvaram, nunca salvariam e nunca poderiam salvar qualquer pessoa do seu pecado. Em diversas cartas do Novo Testamento, Paulo argumentou que a Lei foi dada para mostrar-nos a necessidade de um Salvador que é superior à religião em todos os aspectos.

Cristo é superior à religião em qualquer direção que olhemos:

- **Para trás** — Ele é o Criador e a Palavra eterna que não somente estava com Deus desde o princípio, mas que na verdade é Deus (João 1:1-3).
- **Para frente** — Ele é o nosso Rei e Juiz, que voltará para governar a terra e julgar todo coração (Atos 1:6-11; Romanos 14:7-12).

- **Para cima** — Ele é nosso Salvador e Senhor e somente Ele pode nos resgatar, salvar, e ao mesmo tempo suste-nos com Seu senhorio amoroso e sábio (João 3:13-16; Filipenses 2:9-11).
- **Para baixo** — Ele nos segura em Suas próprias mãos, como o nosso provedor e sustentador (Colossenses 1:16).
- **Para a direita** — Ao virarmos à *direita* para ver o que é moralmente correto, Ele se torna o nosso Mestre e nosso modelo (1 Pedro 2:21; 1 João 2:6).
- **Para a esquerda** — Ao nos afastarmos do que é *correto*, praticando, portanto aquilo que é incorreto, Ele se torna o nosso Intercessor e Advogado (1 João 2:1-2).
- **Para dentro** — Ele é a nossa vida, nossa paz e nossa fortaleza (Gálatas 2:20; Colossenses 1:27).

Como puderam não tê-lo reconhecido? Esta é a Pessoa tão abrangente e envolvente que os fariseus não reconheceram. Como poderiam esperar com todo o povo de Israel pela vinda do Messias, somente para desejar matá-lo quando Ele veio? Vejamos o que o próprio Jesus disse.

QUAIS FORAM OS ERROS DOS FARISEUS?

Em Lucas 11, Jesus confrontou os fariseus com as deficiências da sua religião. Vejamos o que essas falhas dizem sobre os fariseus, e sobre nós mesmos.

ELES SE SATISFAZIAM COM A BOA APARÊNCIA

Uma grande companhia de produtos químicos produziu, recentemente, uma série de comerciais para mudar sua

imagem, para convencer o público de que estavam preocupados com o meio ambiente. As notícias vespertinas da televisão apresentaram um grupo de manifestantes que não estavam convencidos de que a companhia preocupava-se tanto quanto afirmava. Um dos manifestantes segurava uma placa que trazia o nome da companhia. O letreiro dizia: “Não nos deixaremos enganar. Mudem os seus atos, não somente sua imagem.”

O letreiro deste manifestante lembra-me do que Jesus disse aos fariseus. Lucas 11:39 os compara a um grupo de pessoas que lavam a louça, os quais limpam o exterior de um recipiente, deixando a parte interna suja. Ele disse:

O Senhor, porém, lhes disse: ‘Vós, fariseus, limpais o exterior do copo e do prato; mas o vosso interior está cheio de rapina e perversidade. Insensatos! Quem fez o

exterior não é o mesmo que fez o interior? Antes, dai esmola do que tiverdes, e tudo vos será limpo (v.39-41).

Jesus se referia ao ritual cuidadoso e tecnicamente preciso de lavar as mãos, que os fariseus praticavam antes de assentar-se para uma refeição. Eles lavavam-se antes de comer e entre os diversos pratos, não por razões de higiene, mas porque eles se orgulhavam em cumprir um cerimonial da lei. Entretanto, Jesus sabia que a religião “com um ritual limpo” dos fariseus não ia além da superfície. A sua imagem era perfeita, mas as suas ações eram más.

A religião nunca transforma a raiz do problema. Trata somente de questões superficiais. É por isso que em outra ocasião, Jesus disse a um fariseu; um governador dos judeus, que ele necessitava nascer de novo (um nascimento espiritual e interior) se

quisesse ver e fazer parte do Reino de Deus (João 3).

As orações, celebrações, confirmações, batismos ou a ajuda voluntária numa igreja podem parecer algo muito bom. Deus porém não se engana com aparências. Jesus disse: “O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito” (João 3:6). Receber a Cristo pode fazer aquilo que toda a religião do mundo nunca poderia fazer (João 3:16).

***A religião pode
mudar o exterior,
mas somente
Cristo pode mudar
o interior.***

Ao confiarmos em Cristo Ele transforma o nosso coração, e traz a fonte do amor ao nosso interior. É um processo humilhante. Esta atitude significa que reconhecemos

a inutilidade de nossos esforços, entregando-nos a misericórdia de Deus e confiando nele, o qual fará através do Espírito de Cristo o que nunca seríamos capazes de fazer.

ELES VALORIZAVAM AS COISAS INSIGNIFICANTES

Invejo as pessoas que são boas num jogo de perguntas triviais. Elas têm boa mente e memória para os detalhes o que lhes dá uma grande vantagem na vida, sobre pessoas como eu. Muitas vezes, não consigo lembrar-me do nome de um amigo ou do local onde coloquei os meus óculos.

Todavia, como todos os outros pontos fortes, a capacidade em enxergar os detalhes pode se tornar um ponto fraco, se não for mantida em seu devido lugar. Jesus descreveu os perigos de perder-se em detalhes, quando falou aos fariseus que uma falha de

sua religião era a de que davam muita importância a coisas insignificantes.

Lucas 11:42 diz:

Mas ai de vós, fariseus! Porque dais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as hortaliças e desprezais a justiça e o amor de Deus; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas.

Noutras palavras, as coisas pequenas têm o seu lugar, contanto que não as deixemos interpor-se no caminho das questões mais importantes.

Os fariseus ditavam o rumo do Judaísmo. Eles fizeram do cumprimento da lei, uma ciência que sempre levava às conclusões racionais. Eles se orgulhavam de sua habilidade de pensar numa questão em seus mínimos detalhes. Por exemplo, quando davam o dízimo, davam uma porcentagem de *todo* o seu ganho. Se eles deviam a Deus um décimo de sua colheita,

eles dariam a Deus dez por cento de *tudo*, incluindo as ervas, mesmo que a lei dissesse especificamente que não era necessário agir desta forma. A disposição dos fariseus em fazer mais do que era exigido, não era má. O seu erro era que, observando os detalhes, eles se esqueciam de amar. Segundo Jesus, eles acabaram falhando no ponto principal da lei (Mateus 22:37-40).

Os detalhes religiosos parecem ajudar, mas na verdade, atrapalham.

Os fariseus eram como o homem que vai à agência de carros para a compra de um carro novo. Uma vez lá, ele vê alguns acessórios que lhe parecem perfeitos para dar um toque de *classe* ao seu carro novo. Uma hora mais tarde, ele deixa o salão de

exposição com um sorriso, levando em suas mãos alguns acessórios como: uma bússola magnética, um GPS e um chaveiro do fabricante. Assim como os fariseus, ele saiu com mais do que pretendia — e com menos. Com todas estas bugigangas na mão, ele entra no seu carro velho e vai para casa.

A religião, por melhor e necessária que seja pode nos saturar com detalhes menos importantes que facilmente ocupam a melhor parte de nossa atenção. Ao nos aprofundarmos em estudos bíblicos, orações e ao darmos ofertas, sentimos que praticar a religião é algo muito bom, quando na verdade a religião seria um dos acessórios em nosso relacionamento pessoal com Cristo. Não existe qualquer substituto para um coração amoroso e justo, que revele um relacionamento correto com o próprio Deus.

Alguns anos depois de Cristo, o apóstolo Paulo

repetiu os ensinamentos de Jesus aos cristãos desatentos de Corinto. Ele deixou claro que até mesmo os dons espirituais, o conhecimento, a fé e o autossacrifício são obras insignificantes, se praticadas sem o amor de Deus (1 Coríntios 13).

ELES GOSTAVAM DA APROVAÇÃO DOS OUTROS

A religião pode ser a maior gratificação para satisfazer o nosso ego. O que merece maior menção de honra do que ser reconhecido como uma pessoa boa e piedosa? Ou o que nos faz sentir mais auto-orgulho do que sermos vistos como alguém aprovado por Deus?

Parece melhor sermos reconhecidos como boas pessoas, ao invés de incrédulos. Não seria melhor sermos conhecidos como um sacerdote ou um pastor, do que sermos conhecidos como pessoa pornográfica ou prostituta? Talvez não. Jesus

disse que, a não ser que algo mudasse, os fariseus iriam para o mesmo inferno que os incrédulos. Jesus reservou a sua crítica mais severa para as pessoas religiosas que utilizavam a sua reputação espiritual para obter a atenção e as honras sociais. Ele disse aos religiosos:

Ai de vós, fariseus!

Porque gostais da primeira cadeira nas sinagogas e das saudações nas praças (Lucas 11:43).

Todos nós gostamos de ser elogiados pelos outros. Gostamos de ter a aprovação daqueles que veem algo digno de louvor em nós. Isso não é mau. O que é mau, entretanto, é quando as opiniões dos outros se tornam mais importantes para nós, do que as opiniões de Deus. É perigoso quando o excesso de elogios e a aprovação dos outros nos cercam como um vício tornando-nos insensíveis à nossa falta de amor pelos outros, pela presença

e mente de Deus. Em nossos momentos sóbrios sabemos que nossa reputação não reflete o que realmente somos.

Ao cumprir com esmero as regras da religião recebemos elogios de homens.

Entretanto, submeter-se a Cristo é o único caminho para obter o favor de Deus. Isto é verdade mesmo após uma pessoa aceitar a Cristo e fazer parte dos ritos religiosos da igreja. Durante toda a nossa vida, a grande questão sempre será se viveremos para agradar aos homens ou agradar a Deus.

O apóstolo Paulo sabia o que significava lutar com as críticas humanas e não ser aceito por membros de sua própria família espiritual. Por isso, ele escreveu aos que o criticavam em Corinto, dizendo:

Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós ou por tribunal humano; nem eu tampouco julgo a mim mesmo. Porque de nada me argúi

a consciência; contudo, nem por isso me dou por justificado, pois quem me julga é o Senhor (1 Coríntios 4:3-4).

Mais tarde, numa segunda carta aos Coríntios, Paulo escreveu:

Porque não ousamos classificar-nos ou comparar-nos com alguns que se louvam a si mesmos; mas eles, medindo-se consigo mesmos e comparando-se consigo mesmos, revelam insensatez (2 Coríntios 10:12).

Paulo aprendeu a aceitar as críticas com condescendência, não porque se sentisse magoado, mas porque aprendera que o reconhecimento e a honra humana não contam (Filipenses 3:1-10). Tudo o que importa é ouvir Cristo dizer: “Muito bem, servo bom e fiel!” (Mateus 25:21). Paulo foi um fariseu. Ele conhecia a diferença entre: ser reconhecido pela religião ou ser aprovado por Cristo.

ELES PREFERIAM ESCONDER-SE A REVELAR-SE

“Olá, o meu nome é Joel e eu sou um alcoolista.” Esse é o primeiro passo no caminho da recuperação, entre os Alcoólicos Anônimos.

Infelizmente, este também é um elemento de humilhação que geralmente não existe na religião. Um dos sentimentos mais comuns entre os membros de uma igreja é estarem deslocados por sentirem-se em meio a um grupo de pessoas que não se autorrevelam. Eles se sentem próximos fisicamente, mas ao mesmo tempo distantes daquelas que vestem suas roupas e máscaras dominicais para assistirem aos cultos de domingo. Muitos gostam de viver desta forma. Outros, entretanto, estão gritando interiormente: “Espera. Isto não está certo. Isto não é real. Todos nós temos problemas. Por que não podemos admitir as nossas lutas com a

preocupação, a raiva, o medo, a inveja, a amargura, a vergonha e a luxúria de forma que possamos encorajar, confortar e prestar contas uns aos outros?”

Jesus certamente concordaria. Ele disse:

Ai de vós que sois como as sepulturas invisíveis, sobre as quais os homens passam sem o saber! (Lucas 11:44).

A seguinte história, tirada do *The People's Almanac N.º 2* (Almanaque do Povo), ilustra um problema semelhante — de desonestidade:

Certa vez, quando o rei prussiano Frederick, o Grande, visitou a prisão de Potsdam, cada prisioneiro com o qual ele falava, dizia que era inocente. Finalmente, ele se encontrou com um homem que havia recebido a sentença de morte por causa de roubo, o qual simplesmente disse: ‘Sua Majestade, eu sou culpado e grande

merecedor de castigo. Frederick voltou-se para o diretor da prisão e disse: 'Deixem em liberdade este malandro e tirem-no de nossa prisão, antes que venha a corromper todas as pessoas nobres e inocentes que aqui estão.'

Do ponto de vista divino, as pessoas religiosas podem ser como essa comunidade de presos. As crenças, os rituais e as associações religiosas, muitas vezes são meios pelos quais as pessoas negam as suas vergonhas, culpas e necessidade de um salvador. Em vez de encorajar outros a declararem a sua incapacidade de autossalvação, a religião dá as pessoas uma máscara para encobrir os seus problemas não resolvidos.

Os esforços para encobrir os nossos problemas com atividade religiosa demonstram uma reação de autoproteção, que tem a sua origem no início da

história da humanidade. Após o pecado de nossos primeiros pais, eles ficaram paralisados com a perda da sua inocência. Eles usaram folhas de figueira para cobrir-se e fugiram para o meio das árvores para esconderem-se da presença do Senhor.

Quando o Senhor veio ao Jardim do Éden, Adão admitiu que se escondera porque estava com medo.

Desde então, as pessoas se escondem por entre as árvores *da atividade religiosa* e por detrás das folhas de figueira *do esforço humano*. Ao invés de nos humilhar e admitirmos a nossa necessidade da morte e vida salvadora de Cristo, tentamos praticar a religião para compensar os nossos pecados.

Neste processo, escondemo-nos de Cristo, o qual oferece a Sua misericórdia somente àqueles que se humilham em sincera honestidade.

ELES AGREGAVAM MAIS CARGAS À VIDA

Imagine como seria ter dois tipos de pessoas no mundo: aqueles que acrescentam mais fardos e aqueles que aliviam os fardos. Cada vez que você se encontrasse com algum deles, você estaria ou acrescentando ou tirando um à sua pilha. Jesus seria um daqueles que tiram os fardos. Os fariseus seriam os que acrescentam mais fardos. Esta função da religião tornou-se evidente, quando Jesus respondeu a uma pergunta feita por um intérprete da lei dos fariseus (um perito nas leis bíblicas, cujo conhecimento os fariseus usufruíam). Mas [Jesus] respondeu:

*Ai de vós também,
intérpretes da Lei!
Porque sobrecarregais
os homens com fardos
superiores às suas forças,
mas vós mesmos nem
com um dedo os tocais
(Lucas 11:46).*

Jesus conhecia a Sua audiência. Estes peritos religiosos agregavam centenas de obrigações adicionais à Lei de Deus. Mas eles mesmos buscavam uma saída para si. Eles até tinham formas de evitar a lei do Sábado, o qual proibia até que se carregasse um fardo neste dia. William Barclay cita uma das tradições dos fariseus que diz:

Aquele que carrega algo, seja na sua mão direita ou na sua mão esquerda, ou no peito ou nos seus ombros é culpado; mas aquele que carrega algo na parte superior da mão ou com o seu pé, ou com a sua boca, ou com o seu cotovelo, ou com o seu cabelo, ou com o seu saco de dinheiro voltado para baixo, ou entre o seu saco de dinheiro e a sua camisa, ou na dobra da sua camisa, ou no seu sapato, ou na sua sandália está livre de culpa porque não o está carregando

segundo a forma usual de carregar as coisas.

Os religiosos continuam praticando a arte de acrescentar fardos, enquanto encontram maneiras de se desculpar das obrigações que impõem a outros. Por exemplo, muitos líderes religiosos ensinam que as devoções diárias familiares são um dever, embora reconheçam que eles mesmos têm razões, para não serem capazes de cumpri-las. Muitas pessoas religiosas ensinam que os cristãos que vivem sob a graça, e não estão sob a lei do dízimo, devem começar com a exigência legítima de dar pelo menos dez por cento e então ir adicionando mais a esta quantia. Outros mestres religiosos insistem que Deus odeia e proíbe o divórcio, sob toda e qualquer circunstância. Mas eles mesmos sabem que Deus se divorciou de Israel por causa de seu prolongado adultério espiritual, e eles sabem

que Moisés, o qual deu os Mandamentos, permitiu o divórcio por causa da dureza do coração das pessoas (Deuteronômio 24:1-4; Mateus 19:1-9).

Em contraste, Jesus apoiava firmemente os altos ideais da lei, ao mesmo tempo em que fazia provisões misericordiosas para o pecador arrependido. Jesus compreendeu a tensão sadia entre a santidade e o amor a Deus, quando disse:

Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve (Mateus 11:28-30).

ELES ENGANAVAM-SE A SI MESMOS

Escutei algumas pessoas falando ironicamente: “Eu amo todos, só não suporto

as pessoas.” Os fariseus praticavam esta frase sem tentarem ser engraçados. Jesus disse que os fariseus se orgulhavam de honrar e construir monumentos aos profetas. O irônico desta situação é que ao se encontrarem com um de verdade, eles quiseram matá-lo. Barclay diz:

Os únicos profetas que eles admiravam eram os profetas mortos; quando encontraram um profeta vivo, tentaram matá-lo. Eles honravam os profetas mortos com túmulos e monumentos, mas desonraram os que estavam vivos com perseguição e morte.

Este foi o ponto que Jesus expôs em Lucas 11: 47-51 e numa passagem paralela em Mateus 23, quando disse:

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque edificais os sepulcros dos profetas, adornais os túmulos dos justos e dizeis: Se tivéssemos vivido

nos dias de nossos pais, não teríamos sido seus cúmplices no sangue dos profetas! Assim, contra vós mesmos, testificais que sois filhos dos que mataram os profetas. Enchei vós, pois, a medida de vossos pais (Mateus 23:29-32).

Os fariseus enganaram-se a si mesmos. Eles não pensaram que eram assassinos de profetas ou assassinos do Messias. Não entenderam que a sua religião vazia tornava-os inimigos de Deus. A carne sempre esteve em guerra com o Espírito. A religião não tem poder para reter as obsessões egoístas e autoprotetoras da carne. Cristo é necessário para transformar o coração humano.

A história se repete, era após era, quando as pessoas se entregam à religião em vez de Cristo — tal e qual como as pessoas religiosas que foram confrontadas por Jesus. Elas honram a Deus e as Escrituras com

os seus lábios, mas quando uma criança ou um cônjuge confessa a Cristo como Salvador, elas logo se enfurecem.

Os pais demasiado religiosos muitas vezes se ressentem quando seu filho questiona a religião na qual nasceu, foi batizado e confirmado. Pais que sempre frequentam a igreja, muitas vezes se zangam ao ouvir um filho ou uma filha falar sobre “novo nascimento”, as mesmas palavras que Jesus usou quando estava falando com um fariseu chamado Nicodemos (João 3:1-16). Pais religiosos, que se ressentem quando os filhos desejam seguir a Cristo, precisam rever a verdadeira condição de seus próprios corações. Uma reação negativa para com um filho ou uma filha que afirma ter aceitado a Cristo, é uma forte indicação de que este pai está na mesma condição de autoengano que os escribas e fariseus, aos quais o Senhor

confrontou de maneira amorosa, mas firme.

ELES TOMARAM A CHAVE DA CIÊNCIA

Um dos maiores perigos da religião é tornar-nos perigosos não somente para nós mesmos, mas também para outros. Aos profundos conhecedores da Bíblia em Seus dias, Jesus disse:

Ai de vós, intérpretes da Lei! Porque tomastes a chave da ciência; contudo, vós mesmos não entrastes e impedistes os que estavam entrando. Saindo Jesus dali, passaram os escribas e fariseus a argui-lo com veemência, procurando confundi-lo a respeito de muitos assuntos, com o intuito de tirar das suas próprias palavras motivos para o acusar (Lucas 11:52-54).

Jesus disse aos intérpretes da Lei, que eram contra Ele, que eles tinham retirado das pessoas a “chave da ciência”.

Qual era a chave a que Jesus se referia? Parece que há uma série de possibilidades. Os fariseus, por exemplo, tomaram a chave da ciência do “homem comum”, (1) substituindo a Palavra de Deus com tradição e trivialidades, (2) desacreditando a Cristo (João 14:6) e (3) distraindo os outros do enfoque correto do coração (“a candeia do corpo” mencionada em Lucas 11:33-35).

Ainda que ambos, as Escrituras e Cristo sejam chaves da ciência, creio que Jesus provavelmente se referia à chave do “enfoque correto do coração”, a qual se é correta, vai centrar-se nas Escrituras e em Cristo. A passagem de Lucas 11 analisada está precedida pelos versos 33-35, onde Jesus disse:

Ninguém, depois de acender uma candeia, a põe em lugar escondido, nem debaixo do alqueire, mas no velador, a fim de

que os que entram vejam a luz. São os teus olhos a lâmpada do teu corpo; se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; mas, se forem maus, o teu corpo ficará em trevas. Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas.

Em outras palavras, se a lâmpada de uma pessoa (os seus olhos ou o enfoque do seu coração) está certa, então esta pessoa estará cheia do conhecimento de Deus. Mas se a sua lâmpada está sendo obstruída, então a pessoa estará cheia de trevas (sem a luz e o conhecimento de Deus).

Enquanto Jesus estava ensinando estas verdades sobre a lâmpada do corpo e a chave da ciência, Ele foi convidado para comer na casa de um fariseu. Como um hóspede na casa do fariseu, Jesus mostrou-lhe os obstáculos que cobriam a luz que eles puseram em seus próprios olhos (o enfoque

do seu coração). O Mestre mostrou-lhes que por meio de sua religiosidade externa, de sua ênfase nos detalhes, sua necessidade por aprovação, da sua máscara egoísta, seus pesados fardos legalistas, e suas decepções não somente afastaram a luz de si mesmos mas impediram que outros a vissem. Foi desta maneira, que eles tomaram a chave da ciência.

ELES CONVERTIAM OUTROS AO INFERNO

Imagine se você recebesse uma chave de um líder religioso de sua confiança. Você colocaria esta chave em uma porta chamada “destino” e quando você a abrisse, você encontrar-se-ia olhando para as chamas do inferno. Os fariseus estavam preparando os seus seguidores para este tipo de surpresa terrível. Em Mateus 23, uma passagem bem semelhante à de Lucas 11, Jesus disse:

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito; e, uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós! (v.15).

É possível que Jesus tenha chamado aos convertidos religiosos “duplamente filhos do inferno” porque os convertidos muitas vezes são mais zelosos por sua fé do que aqueles que aceitam a sua fé como algo natural. Os prosélitos experimentam uma grande mudança de vida e estão prontos a defender e promovê-la com novo entusiasmo. Eles sabem que não têm todas as respostas, mas confiam em seus líderes, os quais supostamente sabem muito mais do que eles.

Esta confiança colocaria em perigo os fariseus convertidos. Uma vez que Jesus chamou aos fariseus de “cegos, guias de cegos” (Mateus 15:14),

os seus seguidores seriam duplamente cegos. O novo convertido não é somente espiritualmente cego, mas ele sem perceber colocou-se nas mãos de um professor religioso, que não pode orientar nem o seu caminho nem o dos outros.

O problema com a religião é que, em questões de suma importância, ela oferece esperança onde não existe. Por essa razão, o ateu e o agnóstico provavelmente estão num lugar mais seguro do que a pessoa que se converteu à religião. O ateu não está capacitado para reconhecer que ele tem a paz com Deus. A pessoa religiosa, entretanto, engana-se pensando que sabe o que fazer para alcançar o céu ou que sabe o que deve fazer para caminhar com Deus — mesmo não tendo a certeza de estar “quase lá”.

As implicações são surpreendentemente severas. Os religiosos como os

fariseus e os seus convertidos estão caminhando para um final terrível. Jesus nos assegurou disto noutra ocasião, quando disse:

Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus (Mateus 5:20).

Coloque-se no lugar de um convertido religioso, enganado por falsa orientação. Você pensa que escolheu ser uma boa pessoa e reconhece o erro daqueles que não têm um lugar para Deus em seu coração. Sente piedade daqueles que, por meio de suas associações e do seu comportamento, mostram que estão dispostos a arriscar a eternidade por mais algumas horas de prazer proibido. Você pensa que escolheu algo melhor. Encontrou um pastor, um sacerdote ou um rabino o qual você aprecia. Confia neste alguém e está confiante

de que ele seja um homem bom que nunca seria um inimigo de Deus. Gosta da maneira como ele dirige uma cerimônia religiosa, a qual lhe ajuda a sentir-se mais perto de Deus e melhor a respeito de si mesmo, mas ao colocar a chave que ele lhe deu numa porta chamada “destino”, já é tarde demais.

LIÇÕES DE UM RELIGIOSO CONVERTIDO

No tempo de Cristo, havia aproximadamente seis mil fariseus. Como vimos, eles eram conhecidos por discutir longamente os “minuciosos detalhes” como, por exemplo, reconhecer se a lei permitia, ou não, comer um ovo que tinha sido posto num sábado.

Saulo de Tarso (mais tarde conhecido como o apóstolo Paulo) herdou

esta tradição religiosa. Ele se autodescreveu como um “fariseu e filho de fariseus” (Atos 23:6). Antes do seu encontro com Cristo, que transformou a sua vida (Atos 9), Saulo acreditava que a sua posição diante de Deus era determinada pelo seu relacionamento para com a lei.

Os pontos de referência de Paulo mudaram — da lei para Cristo, dos detalhes para os pontos fundamentais, e do exterior para o interior.

Depois da sua conversão, Paulo redefiniu a sua posição perante Deus. O que contava agora era o seu relacionamento com Cristo. Ele preocupava-se agora com a sua fé, demonstrando

o amor de Cristo a outros, e recordando a outros crentes que todos nós um dia, prestaremos pessoalmente contas a Jesus Cristo, o Senhor.

Substituir o amor de Cristo por uma lista de regras é uma maneira segura de tornar-se como Paulo antes de tornar-se seguidor de Cristo.

Quando se tratava de discussões sobre a aplicação das Escrituras, Paulo não se preocupava com as leis dos escribas. Em vez disso, ele rogava aos outros membros da família de Deus que não se julgassem uns aos outros em questões duvidosas. Na sua carta aos Romanos, ele escreveu:

Quem és tu que julgas o servo alheio? Assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus. Não nos julguemos mais uns aos outros; pelo contrário, tomai o propósito de não pordes tropeço ou escândalo ao vosso irmão (14:4,12-13).

Nós também precisamos aprender o ponto de vista de 'Paulo depois de Cristo'. Em uma tentativa de nos protegermos de envolvimento, adotamos a sua perspectiva 'antes de Cristo'. Adotando a maneira de ser dos fariseus, fazemos as nossas próprias listas do que um seguidor de Cristo fará ou deixará de fazer. O único problema é que alguém poderia cumprir todas as exigências da nossa lista e ainda assim não estar mais perto de Deus. Uma pessoa poderia abster-se "religiosamente" do álcool, da música rock, do cigarro, dos jogos de apostas, de ir ao cinema e mesmo assim

permanecer ímpia. Uma pessoa poderia frequentar uma igreja, dar ofertas, orar, ler a Bíblia — e ainda assim permanecer enraivecida, crítica e má.

Entretanto, importa o que vem do Espírito, e não o que vem da carne. Atitudes de amor à semelhança de Cristo são tão diferentes das nossas inclinações naturais que elas nos impulsionam ao Espírito de Cristo em busca de sabedoria, capacitação e uma nova certeza de perdão. É melhor deixarmos que as nossas lutas com os princípios, os quais não conseguimos guardar, nos impulsionem a Cristo, do que ocupar-nos com as formalidades da religião e perder por completo a presença de Cristo.

OS PERIGOS DA APLICAÇÃO

Cremos que o estudo da Bíblia deve ser acompanhado por perguntas tais como: “Qual a diferença que fará?” ou “Como aplicar a minha vida?” Vimos anteriormente como as gerações passadas se preocupavam com o estudo de Apocalipse, de Daniel e profetas menores, sem conseguir resolver os problemas que os deixavam ansiosos, dominadores, competitivos, sem emoções, exigentes, críticos, cruéis e possessivos.

Certamente, é bom fazer perguntas, tais como: “De que maneira posso refletir esta verdade em minha vida?” Mas também foi assim que as gerações passadas formularam suas listas de como deve ser a vida cristã. As pessoas não fumam (a não ser que estejam *ferendo* de raiva), elas não bebem (mas vivem na *dependência* do café), elas

não buscam divertimentos que possam ser questionáveis (mas se divertem com a *fofoca*), e isto os fariseus sabiam fazer muito bem.

Quando regras que devem ser aplicadas se transformam em nossos princípios, [...] é provável que a religião já tenha tomado o lugar de Cristo, ao invés de sermos alguém que o serve.

Quando regras que devem ser aplicadas se transformam em nossos princípios, e quando as ações substituem as atitudes do coração, é provável que a religião já tenha tomado o lugar de Cristo, ao invés de sermos alguém que o serve.

RAZÕES IMPORTANTES PARA MANTER A NOSSA ATENÇÃO EM CRISTO

Para corresponder à nossa confiança nele, Cristo faz muitas coisas por nós, que a religião não pode fazer. Por exemplo:

- Ele nos ama (João 15:13; Romanos 8:35).
- Ele nos conduz a Deus (1 Timóteo 2:5).
- Ele traz Deus até nós (Colossenses 1:15).
- Ele nos comprou para Deus (Efésios 1:7).
- Ele nos defende perante Deus (1 João 2:1).
- Ele nos declara “inocentes” (Romanos 3:24; 5:1).
- Ele nos reconcilia com Deus (2 Coríntios 5:19).
- Ele nos separa para Deus (1 Coríntios 1:30).
- Ele nos dá paz com Deus (Romanos 5:1).

- Ele nos torna aceitáveis perante Deus (Efésios 1:6).
- Ele nos perdoa (Efésios 1:7).
- Ele nos liberta da escravidão (Romanos 8:20).
- Ele nos qualifica para a adoção (Efésios 1:5).
- Ele nos faz herdeiros de Deus (Efésios 1:11).
- Ele nos dá o Seu Espírito (João 14:16-17).
- Ele nos dá uma nova perspectiva (Colossenses 3:1-2).
- Ele habita em nós (Colossenses 1:27).
- Ele nos traz à família de Deus (João 1:12).
- Ele intercede por nós (Romanos 8:34).
- Ele nos resgata do poder de Satanás (Colossenses 1:13).
- Ele nos transporta para o reino de Deus (Colossenses 1:13).
- Ele nos dá vida eterna (Romanos 6:23).
- Ele nos mostra como devemos viver (1 João 2:6).

ESTUDO DE CONTRASTES

Muitas questões nas Escrituras apresentam dois aspectos, e o mesmo acontece quanto à religião. Para manter um equilíbrio, é importante que vivamos com a tensão que mantém em seu devido lugar estas duas ideias, aparentemente contraditórias.

A RELIGIÃO É IMPORTANTE

A Bíblia está cheia de práticas religiosas alternativas que: (1) nos indicam o caminho a Deus ou (2) nos ajudam a expressar o nosso relacionamento com Ele. Tanto, o Antigo como o Novo Testamento estão repletos de leis, princípios, crenças e rituais religiosos. Se pensarmos em religião como ação ou conduta, que indica a crença que temos, também indica a quem adoramos, e algo que demonstra o desejo

de agradar a Deus, então está claro que esta mesma religião nos apresenta:

- Um padrão de doutrina e crença (Tito 2:1).
- Uma experiência compartilhada (Atos 2:37-47; Hebreus 10:25).
- Uma demonstração exterior da fé interior (1 João 3:17-18).

A RELIGIÃO NÃO TEM VALOR

Não tem valor se dependermos de atos externos para sermos considerados justos perante Deus. Não há conhecimento religioso ou qualquer obra que possa nos salvar — seja antes ou depois da salvação. O conhecimento ou a ação podem ser somente uma forma de expressarmos a nossa fé pessoal em Cristo. Portanto, devemos evitar:

- tentativas para merecer a salvação (Efésios 2:8-10)
- qualquer pensamento de autoaperfeiçoamento (Gálatas 3:1-3)

- qualquer edificação não-vinda de Cristo (Colossenses 2:6-8).

A religião é perigosa, não porque seja má em si, mas porque muitas vezes é suficientemente boa para desviar a nossa confiança de Cristo. Nossa tendência é rejeitar a confiança no poder de Cristo e substituí-la com algo que possamos fazer por nós mesmos.

*A religião
é perigosa,
não porque
seja má em si,
mas porque
muitas vezes
é suficientemente
boa para desviar
a nossa confiança
de Cristo.*

PROVA DA NOSSA RELIGIÃO

Imagine-se preenchendo um formulário de matrícula para entrar no céu, o que você listaria como suas qualidades?

- Sempre acreditei em Deus.
- Os outros me consideram uma pessoa religiosa.
- Tentei viver uma vida boa.
- Fui batizado.
- Vou à igreja.
- Não pratiquei nada realmente mau.
- Tenho amigos que podem confirmar o meu caráter.

Espero que a estas alturas, você reconheça que se tivesse escrito qualquer destas qualidades num formulário para entrar no céu, este indicaria que você ainda não compreendeu que a religião seria inútil para tal fim. A única matrícula que seria aceita no céu seria aquela na qual foram

enumeradas as seguintes qualidades;

- Não posso citar qualquer mérito próprio.
- Sou um pecador desde o nascimento.
- Venho em nome de Cristo, e não em meu próprio.
- Creio que Jesus é o Filho de Deus e o meu Salvador.
- Aceitei Seu sacrifício pelos meus pecados.
- Creio que Ele ressuscitou dos mortos.
- Confiei nele, para me salvar.

Para distinguir entre religião e Cristo, o apóstolo Paulo, cheio de confiança, escreveu:

Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feita de Deus, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas (Efésios 2:8-10).

GLOSSÁRIO

Arrependimento:

Mudança de mente demonstrada por uma mudança de comportamento.

Batismo nas águas:

Cerimônia simbólica que é uma declaração pública da fé pessoal em Cristo.

Cristo:

Segunda pessoa da trindade de Deus, tornou-se participante da raça humana, viveu sem pecado, foi crucificado e ressuscitou dos mortos para oferecer a salvação a todos os que confiam nele.

Cruz:

Forma de execução por meio da qual Cristo sofreu e morreu em nosso lugar, para pagar por nossos pecados.

Fé:

Confiança pessoal que, ao ser colocada na pessoa de Cristo, constitui o âmago da verdadeira religião.

Justificação:

Ser “declarado justo”. Através da salvação, todos os que confiam em Cristo recebem de Deus a condição de reconciliação com Ele.

Pecado: Qualquer violação das leis morais de Deus; traz em si a pena da morte eterna.

Religião: Sistema de pensamento e conduta que expressa a crença em Deus.

Religioso: Alguém que confia na religião, para fazer por ele o que compete a Cristo.

Ressurreição: Ato pelo qual Cristo ressuscitou corporalmente da morte, mostrando o valor do Seu sacrifício e a capacidade de viver a Sua vida através de todos os que confiam nele.

Salvação: Os que colocam sua fé em Cristo recebem do amoroso Deus a oferta de salvação; dos efeitos do pecado — tanto no passado, quanto no presente e futuro.

Santa Ceia: Cerimônia simbólica com a ingestão de pão e vinho para lembrar aos cristãos que Cristo morreu em seu lugar.

O texto inclui o acordo ortográfico conforme Decreto n.º 6.583/08.